



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 68 — N.º 805 — 13 de Outubro de 1989

Requacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 200\$00
Estrangeiro (via aérea) 350\$00



Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

O teu povo corrompeu-se

Poderá um povo inteiro corromper-se? Será possível que uma maioria absoluta, ou na intimidade de um lar, ou numa câmara municipal, ou no parlamento de uma nação, ou mesmo na Assembleia Geral das Nações Unidas, alguma vez se possa pôr de acordo numa votação solene, e entretanto o seu voto seja errado?

Os leitores percebem que esta pergunta tem sentido, até pelo facto de haver sempre alguém que conteste tais maiorias, quer elas se tenham formado naturalmente, quer surjam de conversações entre os líderes nos corredores dos passos perdidos ou das comissões especializadas: é ver a facilidade com que toda uma vereação se põe de acordo para licenciar certas obras «clandestinas» contra o parecer, também unânime, dos técnicos municipais. Claro que a muito disto costuma hoje chamar-se corrupção, e o facto vem reforçar a pergunta com que iniciámos, dando-lhe imediatamente uma resposta positiva.

Resposta que não gostaríamos de adiantar, até porque ela nos parece minar completamente um dos maiores, ou mesmo o maior pilar da humana convivência: a convergência para a unidade. Se os homens não se põem de acordo, temos a guerra. Mas se eles se põem de acordo para o mal, para a corrupção, que outra coisa poderemos ter senão também a guerra? E o pior é que ficamos sem critério para discernir a verdade e o bem, pelo menos nas coisas que devem decidir-se pelo diálogo entre os homens. Quase nos tremem as mãos ao admitirmos assim que a própria democracia, esta preciosa conquista em que tantos homens generosos deram a sua vida, poderá acabar também em corrupção, em mentira, em opressão. Será possível a corrupção da democracia?

Vem-nos à ideia o combate que trava a Igreja, de há umas décadas para cá, no sentido de que os povos cristãos do Ocidente aceitem respeitar, como lei de Deus, o princípio do Génesis: «Crescei e multiplicai-vos». Contra os meios de comunicação social, contra os interesses de grandes multinacionais, contra os deputados eleitos por povos baptizados (aqueles onde, pela assistência do Espírito Santo, deveria existir um real «sentido da fé»), a Igreja, às vezes reduzida ao Magistério Pontifício e a uma porção de Bispos, ergue a sua voz, na convicção de que é a voz de Deus, e ousa contrariar as maiorias absolutas. Situação angustiante, até porque a experiência e os livros sagrados nos ensinam que é fácil a certos espíritos crerem-se possuídos do espírito de Deus, sem passarem de falsos profetas.

Daí a vantagem, e mesmo necessidade, de recorrer à palavra do Senhor para ver o que ela nos diz. É possível a corrupção de todo um povo? A frase que nos serve de título foi dita por Deus a Moisés, no alto do Sinai: «Desc da montanha que o teu povo corrompeu-se. Fizeram um bezerro de metal, prostraram-se diante dele, ofereceram-lhe sacrifícios e disseram: 'Aqui tens os teus deuses, Israel, os deuses que te fizeram sair da terra do Egipto'». (Êxodo 32, 7-8). Antes tinha acontecido o mesmo com Sodoma e Gomorra (Génesis 19); muito antes, tinha sido o dilúvio (Gén. 6) e a torre de Babel (Gén. 11).

Tudo isto já prefigurado na corrupção, não por uma qualquer maioria absoluta, mas por total unanimidade, dos nossos primeiros pais. E se os primeiros se corromperam por unanimidade, quem está seguro, que indivíduo, sociedade ou nação, ou grupo de nações, está livre de lhe acontecer o mesmo? Se um homem se mata a si mesmo, quem nos pode assegurar que a humanidade inteira não cometerá um dia o seu suicídio? Não se suicidaram, há uns anos, as centenas de membros de uma seita americana que se isolara lá para as bandas remotas do Pacífico?

Isto não é uma lenga-lenga lamurienta para desabafar. Isto vem só a propósito de dizer como pode ser actual a exortação de Maria na sua última aparição em Fátima, que tomámos como sub-tema para este mês: «Não ofendam mais a Deus, que já está muito ofendido».

E é que, bem vistas as coisas, no fim de contas, quer o pecado da corrupção se traduza em impedir o desenvolvimento da vida, quer surja de qualquer apetência extrema de liberdade, quer mire a acabar com o domínio de Deus sobre as criaturas, quer proceda de um desejo desenfreado de aproveitar os prazeres do tempo presente, sempre acaba por radicar-se num acto de idolatria: «Fizeram um bezerro de metal e disseram: 'Aqui tens os teus deuses, Israel'».

P. LUCIANO GUERRA

Os jejuns dos Pastorinhos

O jejum é uma das formas de penitência mais comuns na Bíblia, como o próprio Evangelho explicita.

A Profetisa Ana «não deixava o templo, servindo a Deus, noite e dia, com jejuns e orações» (Lc. 2, 37). O austero S. João Baptista, que apenas se alimentava de gafanhotos e mel silvestre, formava os seus discípulos na prática do jejum (Mc. 2, 18).

Dentro desta tradição, Jesus fez preceder o Seu apostolado de um jejum de 40 dias, no monte da tentação (Mt. 4, 1-11). Fiel aos ensinamentos do Mestre, S. Paulo procura alcançar a graça divina para o seu apostolado, com múltiplos jejuns voluntários (2 Cor. 6, 5; 11, 27).

Os Pastorinhos de Fátima inserem-se nesta corrente do ascetismo cristão. Logo no dia a seguir à primeira Aparição, para satisfazerem o pedido de sacrifícios pela conversão dos pecadores, o Francisco sugere: «— Dêmos a nossa merenda às ovelhas e façamos o sacrifício de não merendar. Em poucos minutos — comenta Lúcia — estava todo o nosso farnel distribuído pelo rebanho e assim passámos um dia de jejum que nem o mais austero cartuxo...»

Por sugestão da Jacinta, provavelmente no mês de Agosto, em vez das ovelhas, passaram a beneficiar com o próprio alimento os pobrezinhos:

«— Dêmos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores — lembra a pequenina. E correu a levar-lha».

A merenda representava o principal sustento das três crianças. Saíam de casa pela manhã cedo, após um frugal almoço, e só regressavam ao lar para a ceia. A principal refeição era a do meio-dia, a que davam o

nome de «merenda», e da qual se privavam por sacrifício! Como se aguentavam durante o dia inteiro?

«Era então o nosso sustento nesses dias: pinhões, raízes de campainhas... amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos nas raízes dos pinheiros... ou fruta, se a havia perto, nalguma propriedade pertencente a nossos pais».

Para mortificação, em vez das bolotas doces das azinheiras, chegavam ao sacrifício de comer as dos carvalhos. «A Jacinta tomou este por um dos seus sacrifícios habituais: colhia a bolota dos carvalhos ou azeitona das oliveiras (para comer).

Disse-lhe um dia: — Jacinta, não comas isso que amarga muito.

— Pois é por amargar que como, para converter os pecadores».

Privavam-se das frutas e outras iguarias agradáveis para multiplicarem os seus sacrifícios:

«Brincávamos um dia sobre o poço. A mãe da Jacinta tinha ali uma vinha pegada. Cortou alguns cachos e veio trazer-nos para que os comêssemos, mas a Jacinta não esquecia nunca os seus pecadores.

— Não os comemos — diz ela — e oferecemos este sacrifício pelos pecadores.

Depois correu a levar as uvas às outras crianças que brincavam na rua. À volta, vinha radiante de alegria. Tinha encontrado os nossos antigos pobrezinhos e tinha-lhes dado a eles.

Outra vez, minha tia foi chamar-nos para comermos uns figos que tinha trazido para casa e que na realidade abriam o apetite a qualquer. A Jacinta sentou-se connosco, satisfeita, ao lado da cesta, e pega no primeiro para começar a comer. Mas, de repente, lembra-se e diz:

— É verdade, ainda hoje não fizemos nenhum sacrifício pelos pecadores. Temos que fazer este.

Põe o figo na cesta e faz o oferecimento. E lá deixámos os figos para converter os pecadores. A Jacinta repetia com frequência estes sacrifícios».

Nem na doença se esquecia da mortificação.

Certa vez, toma, sem mostrar qualquer repugnância, o leite, dizendo no fim à Lúcia:

«— Se tu soubesses quanto me custou a tomar!»

Noutra ocasião, a mãe «deveu-lhe junto com a xícara de leite um belo cacho de uvas.

— Não, minha mãe, as uvas não as quero, leve-as. Dê-me antes o leite, que o tomo.

E sem mostrar a mínima repugnância, tomou-o. Minha tia retirou-se contente, pensando que o fastio de sua filha ia desaparecendo. Depois a Jacinta voltou-se para mim e disse-me:

— Apeteci-me tanto aquelas uvas e custou-me tanto a tomar o leite! Mas quis oferecer este sacrifício a Nosso Senhor».

Noutra ocasião confessava: «— Cada vez me custava mais a tomar o leite e os caldos; mas não digo nada e tomo tudo por amor de Nosso Senhor e do Imaculado Coração de Maria, nossa Mãezinha do Céu».

Foram realmente heróicos os três videntes nas suas mortificações na alimentação. Por isso a Virgem Santíssima lhes declarou na Aparição de Setembro: «Deus está contente com os vossos sacrifícios».

P. FERNANDO LEITE

MODERE O USO DAS VELAS

Como será possível moderar o uso das velas, se a vela, para além de simbolizar a fé, simboliza também o grau de devoção ou interesse que a pessoa deposita no acto de a oferecer? Só compreendendo que há outros caminhos para manifestar a Deus ou aos santos o nosso interesse, a nossa devoção, a nossa acção de graças.

Desde sempre a Igreja dirigiu os fiéis no sentido de a ajudarem a realizar os vários campos da sua acção, que são, em resumo, o anúncio do Evangelho, as muitas expressões do culto divino e as também múltiplas expressões da caridade, tanto corporal como espiritual, e tanto interna como externa à mesma Igreja. Num belo documento publicado por ocasião do Ano Mariano (1987/1988) pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, dedica-se um capítulo inteiro aos santuários, que deveriam ser, e na realidade foram, focos intensos de piedade mariana durante esse ano providencialmente destinado ao incremento do estudo e do culto de Nossa Senhora.

Começam as recomendações da Congregação por reconhecer que os santuários têm uma especial função de servir de exemplo nos campos de acção da Igreja. E o documento enumera a seguir a Liturgia, o exercício da Caridade e a colaboração nas obras missionárias. São portanto os três campos clássicos.

De há uns anos para cá vem o Santuário de Fátima proporcionando a alguns milhares de doentes a possibilidade de realizarem um retiro espiritual de três dias, ou uma peregrinação de dois, oferecendo a todos a hospedagem e os meios humanos necessários. Por outro lado, respondendo aos apelos que lhe chegam com frequência, vai procurando oferecer alguma ajuda a instituições (não porém a particulares) da Igreja, sobretudo que se dediquem ao apostolado e à caridade. Por isso a Reitoria se sente autorizada a sugerir aos peregrinos que transformem uma parte das suas promessas de velas em oferta mo-

netária para o Serviço de Doentes. De facto pode dizer-se que uma parte dos peregrinos tem ouvido essa sugestão, mas muito resta ainda por fazer.

Em Fátima estão a surgir, graças a Deus, várias obras de vulto que se propõem receber os nossos irmãos mais abandonados (geralmente por incapacidade, mas também por falta de amor), cuidando deles como de verdadeiros irmãos de Jesus Salvador e Sofredor. Os peregrinos têm aí mais um óptimo campo para exprimirem a Nossa Senhora a sua verdadeira devoção e gratidão.

Quem pode perdoar pecados? — Uma leitora faz perguntas

Escreve-nos uma leitora confessando-se «um pouco confusa» com o final do nosso artigo de fundo de Setembro último. Compreendemos que assim tenha ficado e nos peça «escreva outro artigo, que venha a aprofundar este assunto, dos tão difíceis e exigentes da nossa prática cristã.»

Ainda pensámos em satisfazer o pedido, procurando esclarecer, e confirmar, as três ou quatro afirmações que mais a impressionaram, nomeadamente que não devemos «deformar a devoção do sacramento até ao ponto de a fazer obrigação», que «confissão anual só é obrigatória no caso de pecado grave», que «Nossa Senhora pediu cinco vezes no ano» e que se não duvida de que «a renovação da Igreja passa pela frequência deste sacramen-

Renovando a catequese, primeira urgência da Igreja em Portugal segundo um importante e talvez já pouco lembrado documento do nosso Episcopado, publicado no seguimento da vinda do Santo Padre a Fátima, encontraremos lugar para um justo, moderado, uso das velas votivas, ficando com largos horizontes abertos sobre outras muitas expressões do amor que o Espírito Santo infunde nos nossos corações de peregrinos de Fátima e da Jerusalém Celeste.

L. G.

to... dom de amor e misericórdia». De facto, tanta coisa junta, em tão pouco espaço, e ainda com algum ar de contradição!

Mas um artigo também não seria suficiente. De modo que resolvemos outra coisa. Pegámos na Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre João Paulo II sobre a Reconciliação e Penitência na vida e acção da Igreja, e fomos buscar ao capítulo que trata do Sacramento uns tantos extractos que transcreveremos sucessivamente, ao longo deste ano e do que vem. São páginas muito belas, compreensíveis, desde que se faça um esforço, e que ajudarão a renovar a catequese recebida em criança e hoje talvez muito obnubilada pelos solavancos a que terá sido submetida a inteligência de muitos dos leitores.

Problemáticas do idoso em debate

Os participantes da VII Semana Nacional de Pastoral, realizada em Fátima de 4 a 8 de Setembro, sob o tema «os idosos na sociedade e na Igreja», sugeriram o lançamento «de um estudo científico sobre o envelhecimento da população e a avaliação dos recursos para a solução dos problemas dos idosos».

O texto das conclusões do encontro, que reuniu cerca de 550 participantes de todas as dioceses do país, refere que em Portugal «existe a tendência para o envelhecimento da população com fortes assimetrias inter-regionais».

No entanto, e segundo o documento aprovado, «as respostas aos problemas das pessoas mais idosas continuam a ser manifestamente insuficientes, apesar dos avanços já conseguidos».

Os participantes propuseram a intensificação «dos esforços desencadeados e, nalguns casos, inflectir orientações anteriores nos domínios social, saúde e habitação» para, depois, defender a necessidade de «racionalizar e acelerar a cobertura do país em serviços de apoio domiciliário, convívios, centros de dia, lares, apartamentos em comunidade, hospitais de retaguarda ou estabelecimentos afins e outros equipamentos e serviços sociais».

A nível da pastoral social da Igreja, os participantes sugeriram a promoção «especialmente através das instituições de acção social e no âmbito paroquial» duma «verdadeira pastoral de idosos que se traduza, nomeadamente, no estudo e difusão da doutrina da Igreja sobre os idosos; no contributo para a eliminação das conotações e vivências negativas da velhice; na educação pessoal e comunitária para a velhice, incluindo a respectiva aceitação serena e a consciência da continuidade natural das diferentes fases da vida; e na criação de serviços e equipamentos sociais e actuação junto da opinião pública e dos centros de decisão política ou outra, a fim de que sejam tomadas as medidas necessárias».

Animação Missionária

Reevangelização e abertura a outras Igrejas

Em Fátima, realizou-se a VII Semana Missionária Nacional sob o tema «Animação Missionária da Igreja em Portugal» que contou com a participação de 200 pessoas, entre as quais alguns missionários de Angola e Moçambique.

As conclusões do encontro sugerem «a urgência de uma profunda animação missionária da Igreja em Portugal» acrescentando que «a urgência da reevangelização da Europa não pode levar as Igrejas do Velho Continente a fecharem-se sobre si mesmas sem correrem o risco certo da morte total».

O documento final afirma que «a abertura missionária a outras Igrejas e a outros continentes é, não só uma exigência iniludível da fé, mas um meio privilegiado de reevangelizar a própria Europa».

«O que poderá prejudicar e atrasar gravemente a evangelização de Portugal não é o suposto vazio criado pelos missionários que partem, ou pelos recursos materiais enviados a povos mais carentes, mas o egoísmo e a apatia daquelas Igrejas que, fechadas sobre si mesmas, se revelam incapazes de gerar inquietação apostólica, de partilhar o muito ou o pouco que dispõem» conclui o documento.

Os pobres na Bíblia e no mundo de hoje

Os trabalhos da XII Semana Bíblica Nacional, promovida pelos Franciscanos Capuchinhos, e realizada em Fátima de 22 de Agosto a 1 de Setembro, foram subordinados ao tema «os pobres na Bíblia e no mundo de hoje».

Cerca de 700 pessoas participaram nesta Semana, que decorreu no Seminário do Verbo Divino e registou a presença de diversos especialistas que abordaram temas como «O Deus dos pobres», «O Messias dos pobres», «Os pobres são evangelizados», «Opção preferencial pelos pobres», entre outros.

Encontro das Escolas Católicas

"Escola-comunidade" exigência evangélica

As conclusões do VI Encontro Nacional das Escolas Católicas sublinharam o direito da escola católica no contexto educativo português, pretendendo, assim, marcar o sentido da liberdade de aprender e de ensinar sem o qual uma sociedade democrática se veria amputada da sua fundamentação plural.

Este encontro, realizado, em Fátima, foi subordinado ao tema «Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica» e registou a presença de cinco centenas de participantes. Na sessão de abertura, o Ministro da Educação, Eng. Roberto Carneiro, falou sobre o «Lugar da Escola Confessional Católica no Projecto Educativo Português».

No final, os educadores católicos afirmaram-se «cada vez mais sensíveis, activos e intervenientes em toda a problemática social e familiar que atinge muito especialmente o mundo juvenil nos seus aspectos humanos da vida pessoal, familiar, relacional, social e religiosa».

Outro dos aspectos nas conclusões deste VI Encontro das Escolas Católicas foi a questão da passagem necessária da «escola-instituição» a «escola-comunidade», «que obrigará a um esforço contínuo para que a comunidade educativa seja uma realidade palpável».

A dimensão «escola-comunidade» foi considerada «um autêntico valor e exigência evangélica que constitui um ambiente e um espaço fundamental para a educação integral, na qual a dimensão religiosa constitui um objectivo primordial de toda a vida da escola».

Foi ainda salientado que toda «a problemática actual do binómio 'fé-cultura' constitui um elemento fundamental da vida e da acção das nossas escolas e dos seus educadores»; a síntese 'fé-cultura', procurada como objectivo da escola católica, só é possível a partir de uma experiência pessoal da fé em Jesus Cristo.

Foi, também, sublinhado que a dimensão religiosa da educação na Escola Católica se deverá promover «de modo normal em toda a acção educativa, com especial atenção às aulas de educação moral e religiosa e à animação pastoral escolar a partir dos acontecimentos litúrgicos».

COROAÇÃO SOLENE

Hoje, 40.º aniversário da oferta ao Santuário de uma preciosa custódia pelos católicos irlandeses, será coroada uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, desde então peregrina na Irlanda e nos Estados Unidos.

Dois Santuários em Renovação

Os santuários marianos são lugares privilegiados da palavra de Deus e da vida litúrgica. Por isso, por todo o lado, os seus responsáveis vão procurando adaptar esses lugares às exigências pastorais e litúrgicas e assegurar espaços mais amplos de participação dos fiéis que a eles acorrem.

Damos dois exemplos desta renovação. São ambos santuários italianos de grande afluência de peregrinos.

SANTUÁRIO DE N.ª S.ª DO DIVINO AMOR

Depois de um furioso bombardeamento, em 10 de Setembro de 1943, sobre a colina de Castel di Leva, nas proximidades de Roma, uma pintura de Nossa Senhora do Divino Amor, que ali existia, desde a época medieval, e que se tornou famosa, desde os meados do século XVIII, foi levada para Roma em Janeiro seguinte.

Foi diante dessa imagem, na igreja de S. Inácio, que os romanos prometeram, em 4 de Junho de 1944, se a sua cidade fosse salva, «contribuir como pudessem para a fundação de um novo santuário e de uma obra de religião e de caridade em Castel di Leva, de modo que ficasse memória, para sempre, da piedade reconhecida do povo romano para com a Virgem Santíssima do Divino Amor». Concedida a graça, e regressada a imagem ao seu antigo santuário, foram logo retomadas as peregrinações, que em breve atingiram cerca de um milhão de fiéis e centenas de milhares de confissões e comunhões, por ano.

Agora, 45 anos depois do voto dos romanos, foi aprovado finalmente o projecto do novo santuário. O reitor, mons. Pasquale Silla, ao dar a notícia, dizia: «Queremos assegurar a todos os devotos que o novo santuário não só não deverá nem poderá substituir o antigo como porá em relevo a sua centralidade, fazendo-o emergir ainda mais sobre o cimo da colina. A nova estrutura terá a capacidade de oferecer amplos espaços para as multidões, sempre numerosas, e permitirá apreender a beleza virginal e materna de Maria Santíssima, através dos celestiais espaços de luz e cor que envolverão os peregrinos.»

É de recordar que a imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições esteve neste santuário em Março de 1984, aquando da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, na Praça de S. Pedro.

SANTUÁRIO DE N.ª S.ª DAS LÁGRIMAS DE SIRACUSA

De 29 de Agosto a 1 de Setembro de 1953, numa modesta casa de habitação de Siracusa, na Sicília, correram misteriosas lágrimas de uma pequena imagem de gesso do Imaculado Coração de Maria. Multidões de peregrinos puderam testemunhar o facto. Examinadas cientificamente as lágrimas, chegou-se à conclusão de que a sua composição química era análoga à das lágrimas humanas.

Ainda nesse ano, a 12 de Dezembro, o episcopado siciliano

declarou que não se podia duvidar dos factos e propôs que se elevasse, junto do local, um santuário que perpetuasse aquele prodígio.

A primeira pedra foi colocada em 1954, mas só em 1957 foi escolhido o projecto definitivo. No entanto, surgiram algumas dificuldades, entre as quais, ao que consta, uma certa instabilidade do terreno, que têm retardado o prosseguimento das obras. Finalmente, foi anunciado que elas vão ser retomadas e surgirá, em breve, um templo moderno de forma circular, com o diâmetro de 90 metros na base e 135 metros de altura.

Entretanto, o santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, também na Itália, recorda, neste ano de 1989, os 50 anos da ampliação da sua basílica. Foi em Maio de 1939 que foi consagrada pelo legado pontifício, Cardeal Maglione, uma nova basílica que ficou com uma área de 2.000 m², isto é, cinco vezes mais que a igreja anterior, edificada de 1876 a 1891, pelo advogado Bartolo Longo (falecido em 1926 e beatificado em 1980). A nova basílica ficou com a capacidade para 4.000 pessoas e a cúpula passou de 29 para 57 metros de altura. Este santuário tornou-se um grande centro de obras sociais, de uma intensa vida litúrgica e de frequência dos sacramentos, especialmente da Eucaristia e Reconciliação, sobretudo nos meses de Maio e Outubro. Tem actualmente uma frequência anual de mais de três milhões de peregrinos por ano.

P. LUCIANO CRISTINO

Dois irmãos do Francisco e da Jacinta

José dos Santos [Martinho] (1899 - 1989)

No passado dia 19 de Julho, faleceu o Sr. José dos Santos Marto, primeiro dos filhos de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus e irmão dos videntes Francisco e Jacinta. Tinha 90 anos de idade, pois nascera em 1 de Fevereiro de 1899, em Aljustrel.

«O José da Olímpia», como era conhecido, era casado com Júlia Marto, de quem teve sete filhos. Deixou doze netos e um bisneto.

Acreditou, desde o princípio, nas aparições de Nossa Senhora, prontificando-se a testemunhar numerosas cenas da vida dos seus dois irmãos mais pequenos.

Depois da morte da mãe, acolheu o pai na sua casa.

Há uns sete anos, foi vítima de um desastre de viação que o impossibilitou de sair de casa. Desde então, como dizia, «ansiava pelo dia em que poderia ir ver a Jacinta e o Francisco no Céu».

O seu funeral foi no dia seguinte, com missa na igreja paroquial, presidida pelo P.º Luis Kondor, vice-postulador dos Videntes, e concelebrada pelo pároco da freguesia e por dois capelães do Santuário, com a presença da esposa, dos filhos e netos, do irmão João e de muitas outras pessoas. Ficou sepultado na campa do seu pai, no cemitério paroquial.

António dos Santos Rosa (1889 - 1989)

Em 4 de Agosto passado, completaram-se 100 anos sobre o nascimento

de António dos Santos Rosa, primeiro dos dois filhos de Olímpia de Jesus e de José Ferreira Rosa.

As suas filhas Florinda, Virgínia e Maria, sobreviventes de sete irmãos, quiseram prestar homenagem ao pai, editando uma memória biográfica que aqui resumimos e adaptamos:

«António dos Santos Rosa — o António da Olímpia — nasceu em Aljustrel a 4 de Agosto de 1889, filho de José Ferreira Rosa e de Olímpia de Jesus».

No dia 10 de Setembro de 1895, com Manuel, seu irmão de quatro meses de idade, ficaram órfãos de pai.

Em 17 de Fevereiro de 1898, receberam por padrao Manuel Pedro Marto. Do segundo casamento de sua mãe, foram seus irmãos: Teresa e Alberto, que morreram de tenra idade, José, agora falecido, Florinda, Teresa, João, Francisco e Jacinta.

A princípio não acreditou nas aparições. Estava de acordo com a mãe de Lúcia, sua tia paterna. Aconteceu que um dia, foi trabalhar numa propriedade junto aos valinhos. Pelas dez horas solares, Francisco foi encarregado de lhe levar o almoço.

Fora das vistas do padrao, que não permitia que lhe molestassem os filhos, António ralhava severamente com Francisco e chamou-lhe mentiroso. Ameaçou bater-lhe, se não se emendasse. Chorando amargamente, a pobre criança sentou-se numa pedra, com a cara entre as mãos. No meio de soluços, disse ao irmão mais velho:

— Tu não acreditas, mas ainda há-de acreditar.

António ficou muito impressionado com a dor com que estas palavras foram pronunciadas. A partir daí, não mais fez sofrer os irmãos e ficou atento

para os defender, se fosse necessário.

Numa das aparições, um homem alto, forte e desconhecido pegou em Jacinta ao colo. Ela, aflita, começou a chorar. António e Manuel, irmãos de Lúcia, estavam perto, vigiando tudo atentamente. Quando viu o irmão, Jacintinha chamou-o, estendeu-lhe os braços e foi recebida por ele com muito amor. António afastou-se imediatamente. Na curva acentuada, onde, no caminho da Via-Sacra, principia a subida para o cabeço, pôs a irmãzinha no chão, dizendo-lhe:

— Corre para casa que eu já lá vou ter.

E regressou ao local das aparições para olhar pelo Francisco.

Casou-se na Casa Velha, com Leocádia de Jesus (Neves), em 5 de Maio de 1920. Em 1921, surgiram-lhe sinais de doença grave. Muito preocupado, prometeu acreditar nas aparições, se a doença desaparecesse. Efectivamente, assim aconteceu. Não só acreditou como, para ele, todos os dias treze começaram a ser dias «santificados». Não obrigou ninguém ao mesmo procedimento, mas gostava que em sua casa se respeitasse o dia que ele guardava.

Reclinada nos braços fortes de António, Jacintinha fez a derradeira e única viagem a Lisboa. Não comeu, não bebeu, nem falou, segundo ele disse.

Na última doença, a quem lhe perguntava pela saúde, respondia, algumas vezes:

— Estou melhor, sim, estou muito melhor, porque estou cada vez mais perto de Deus.

Morreu no dia 11 de Fevereiro de 1971, depois de ter recebido a Santa-Unção e o Sagrado Viático.

Decreto de heroicidade do Francisco

«Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais, pois é deles o reino de Deus» (Lc. 18, 16).

Entre as crianças que melhor corresponderam ao amor e à predileção de Jesus, julgamos poder incluir o Servo de Deus Francisco Marto, que fez frutificar copiosamente os dons da graça que lhe foram concedidos e, em poucos anos, alcançou uma grande perfeição na imitação de Cristo e no exercício das virtudes cristãs. Apesar de ser de tenra idade deixou-nos um exímio testemunho de obediência à vontade de Deus, do amor ardente ao Imaculado Coração de Maria e de diligente cuidado de consolar a Nosso Senhor, tão ofendido pelos pecados dos homens, e de rezar e sofrer pelas necessidades da Igreja e pela conversão dos pecadores.

Dócil e Condescendente

O Servo de Deus, nascido numa povoação chamada Aljustrel, pertencente à paróquia de Fátima, em Portugal, no dia 11 de Junho de 1908, filho de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus Marto, modestos agricultores e bons cristãos; no dia 20 do mesmo mês, recebeu o baptismo, tornou-se membro do povo da nova aliança.

De carácter dócil e condescendente, recebeu com fruto a boa educação que os pais lhe deram. Em casa, começou a conhecer e a amar a Deus, a rezar, a participar nas sagradas funções paroquiais, a ajudar o próximo necessitado, a ser sincero, justo, obediente e diligente. Frequentou habitualmente o catecismo ensinado pelo pároco e pela tia Maria Rosa dos Santos. Viveu em paz com todos, quer adultos, quer da mesma idade. Não se irritava quando o contrariavam e nos jogos não encontrava dificuldade em se adequar à vontade dos outros. Era sensível à beleza da natureza, que contemplava com sensibilidade e admiração; deleitava-se com a solidão dos montes e ficava extasiado perante o nascer e o pôr do sol. Chamava ao sol «candeia de Nosso Senhor» e enchia-se de alegria ao aperecerem as estrelas que designava «candeias dos Anjos». Era de tal inocência que dizia que ao chegar ao céu havia de colocar azeite na candeia da Virgem Maria.

Vocação de Eremita

Não pôde frequentar o ensino primário, dado que em Fátima não havia escolas elementares e quando abriram apenas lá ia de vez em quando. Em compensação, aprendeu muito bem a ciência de Deus e o modo de cooperar activamente na dilatação do reino de Cristo nas almas. Logo que pôde, quando atingiu a idade de cerca de seis anos, foi-lhe confiada a guarda do rebanho, que diariamente pastoreava; segundo o costume, saía de manhã cedo com a sacola levando o alimento e a flauta, com a qual se divertia, e tornava a casa ao pôr do sol. Muitas vezes era acompanhado pela irmãzinha Jacinta e ambos se reuniam com a prima Lúcia de Jesus dos Santos, que guardava também as suas ovelhas. Estas crianças declararam ter visto três vezes um anjo no ano de 1916. Este acontecimento inesperado e imprevisível constituiu para o Servo de Deus o início duma experiência espiritual mais generosa, mais eficaz e mais intensa de dia para dia. De repente começou a tornar-se mais piedoso e taciturno; recitava frequentemente a oração ensinada pelo anjo; estava disposto a oferecer sacrifícios pela salvação dos que não acreditam, não esperam e não amam. Depois destas aparições, parecia ter recebido a vocação de um eremita: escondia-se atrás das árvores para rezar sozinho; outras vezes subia para os lugares mais elevados e solitários e aí entregava-se à oração tão intensamente que não ouvia as vozes dos que o chamavam. Nesta altura sentiu o forte e contínuo desejo de se aproximar da Eucaristia: o que na verdade só lhe foi permitido, próximo de morrer.

Não foram estes apenas os dons de Deus mas aconteceram outros maiores.

Vidente de Fátima

Do dia 13 de Maio até ao dia 13 de Outubro de 1917, algumas vezes, juntamente com a Jacinta e a Lúcia, foi-lhe concedido o privilégio de ver a Virgem Maria num lugar chamado Cova da Iria. A partir daí, inflamado cada vez mais no amor a Deus e às almas, tinha uma só aspiração: rezar e

”Deixai vir a mim os pequeninos...”

CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS DOS SANTOS DECRETO ACERCA DA CANONIZAÇÃO DO SERVO DE DEUS FRANCISCO MARTO — MENINO (1908-1919) DA DIOCESE DE LEIRIA-FÁTIMA SOBRE A DÚVIDA

Acerca da existência em grau heróico das virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade para com Deus e para com o próximo e também das cardeais da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e suas afins, no caso e para o efeito pretendido.

sofrer de acordo com o pedido da Virgem Maria. Se extraordinária foi a medida da benignidade divina para com ele, extraordinária foi também a maneira como ele quis corresponder à graça divina, na alegria, no fervor, e na constância. Não se limitou apenas a ser como que um mensageiro do anúncio, da penitência e da oração, mas, mais do que isso, com todas as suas forças, conformou a sua vida com a mensagem que ele anunciou mais com a bondade das obras do que com palavras. Assim cumpriu a exortação de Pedro: «Como bons dispensadores das diversas graças de Deus, cada um de vós ponha à disposição dos outros o dom que recebeu». (1 Ped. 4, 10)

Simple e Humilde

Costumava dizer: «Que belo é Deus, que belo! mas está triste por causa dos pecados dos homens. Eu quero consolá-lo, quero sofrer por seu amor». Manteve este propósito até ao fim. Durante as aparições suportou com espírito inalterável e com admirável fortaleza as más interpretações, as injúrias, as perseguições e mesmo alguns dias de prisão. Resistiu respeitosa e fortemente à autoridade local que tudo tentou para conhecer o «segredo» revelado pela Virgem Santíssima às três crianças, infundindo coragem simultaneamente à irmã e à prima. Todas as vezes que o ameaçavam com a morte respondia: «se nos matarem não importa: vamos para o céu». O pároco pretendia que ele negasse o que tinha acontecido no lugar da Cova da Iria; mas ele, apesar de venerar muito os sacerdotes, confirmou ardentemente aquilo que tinha visto. Os prodigiosos acontecimentos de que foi protagonista voltaram todas as pessoas para ele, mas ele manteve-se simples e humilde. Continuou a desempenhar as suas tarefas quotidianas, a obedecer aos pais e a ser atencioso com todos. Era paciente com os curiosos, acolhedor com os peregrinos, humano para com os ímpios e misericordioso para com aqueles que lhe dirigiam súplicas. Mortificava a sua vontade e o seu carácter; vencia a fadiga, privava-se de alimento para dar aos pobres; não bebia água durante dias inteiros, sobretudo no tempo do calor; jejuava no tempo da Quaresma; trazia uma corda de penitência à volta do corpo, renunciava aos jogos preferidos para se entregar por mais tempo à oração. Não perdia nenhuma ocasião de se reunir à paixão de Cristo e desta maneira cooperar na salvação das almas e no crescimento da Igreja.

O Terço e a Eucaristia

Outro marco miliário do apostolado foi a oração. Já antes das aparições rezava, porém depois, movido por um espírito de fé mais vivo e amadurecido, tomou consciência de ser chamado e de se entregar zelosa e constantemente ao dever de rezar segundo as intenções da Virgem Maria. Procurava o silêncio e a solidão para mergulhar totalmente na contemplação e no diálogo com Deus. Participava na missa dos dias festivos e quando podia também nos feriais. Nutriu uma especial devoção à Eucaristia e passava muito tempo na igreja, adorando o Sacramento do altar a que chama «Jesus escondido». Recitava diariamente os quinze mistérios do Rosário e muitas vezes mais, a fim de satisfazer o desejo da Virgem; para isso gostava de juntar orações e jaculatórias, que tinha aprendido no catecismo e que o Anjo, a Virgem Santíssima e piedosos sacerdotes lhe tinham ensinado. Rezava para consolar a Deus, para honrar a Mãe do

Senhor, que muito amava, para ser útil às almas que expiam as penas no fogo do purgatório, para auxiliar o Sumo Pontífice no seu importante minúsculo de pastor universal; rezava pelas necessidades do mundo transtornado pelo pecado; rezava pela Igreja e pela salvação eterna das almas. Rezava sozinho, com os familiares, com os peregrinos, manifestando um profundo recolhimento interior e uma confiança segura na bondade divina.

Sofrer para consolar Nosso Senhor

Com o propósito firme de só desejar e fazer aquilo que agradasse a Deus, entregava-se constantemente de alma e coração aos bens imortais do espírito, evitava qualquer espécie de pecado e, com sete anos de idade, começou frequente e piedosamente a aproximar-se do sacramento da Penitência. Dócil aos preceitos do Senhor e às palavras da Santíssima Virgem Maria, progrediu constantemente no caminho da santidade e, em breve tempo, alcançou uma grande e sólida perfeição cristã. Na verdade foi viva a sua fé, benigna e zelosa a sua caridade e alegre a sua esperança. Foi íntegro de costumes e de palavras. Negligenciou completamente os bens terrenos e a sua própria saúde e vida. Como tivesse sabido da Virgem Maria que a sua vida iria ser breve, passava os dias na ardente expectativa

de entrar no céu. E de facto tal expectativa não foi longa. Com efeito, apesar de ser robusto e de gozar de boa saúde, em Outubro do ano de 1918 foi atingido pela grave epidemia bronco-pulmonar chamada «espanhola». Do leito em que caiu não chegou a levantar-se; pelo contrário, no ano de 1919, o seu estado de saúde agravou-se. Sofreu, com íntima alegria, a sua enfermidade e as suas enormes dores, em oblação a Deus. A Lúcia que lhe perguntava se sofria, respondeu: «Bastante, mas não me importa. Sofro para consolar Nosso Senhor e em breve irei para o céu». Apesar de estar doente, recitava contudo muitos terços, exortando os outros a que rezassem consigo. No dia 2 de Abril, recebeu santamente o sacramento da Penitência e no dia seguinte foi finalmente alimentado com o Corpo de Cristo, como Santo Viático. Ao despedir-se dos presentes prometeu rezar por eles no céu. Entrou piedosamente na vida eterna, que veementemente desejara, no dia 4 de Abril de 1919. Foi sepultado no cemitério de Fátima, mas depois as suas relíquias foram trasladadas para o Santuário, que entretanto fora construído onde a Virgem aparecera.

Processo de Beatificação

A fama da santidade, de que já gozava em vida, consolidou-se e aumentou depois da sua morte. Muitos fiéis

MILAGRE DO SOL

Duas testemunhas ultrapassam os cem anos

Chegam frequentemente ao nosso conhecimento notícias de testemunhas do milagre do sol de 13 de Outubro de 1917, na Cova da Iria. Trata-se, quase sempre, de pessoas já falecidas. Mas os seus depoimentos, repetidas vezes prestados, sobre aquele acontecimento de há 72 anos, ficaram indelevelmente impressos em todos quantos os ouviram.

Embora a narração do acontecimento, por essas pessoas, não varie no essencial, há pormenores acidentais que trazem, por vezes, elementos muito curiosos. Por isso, vamos registando todos os depoimentos que nos chegam e voltamos a fazer aqui o apelo que já fizemos noutras ocasiões.

Enviem-nos esses depoimentos, por escrito e, se possível, também em cassette sonora, indicando os seguintes dados: nome completo da pessoa que viu o milagre do sol; idade que tinha em 1917 ou, de preferência, a data do nascimento; estado civil, nessa época; localidade onde veio, dia e hora da partida, itinerário seguido para a Cova da Iria; dia e hora da chegada; meio de transporte utilizado ou se veio a pé; referência a acompanhantes, com os nomes, idades, moradas, etc.; descrição pormenorizada do fenómeno e dos outros acontecimentos desse dia, na Cova da Iria; regresso a casa (hora da saída, itinerário e hora da chegada); outras informações; endereço postal da pessoa, se ainda vive, ou localidade e data do falecimento. Acrescentar sempre o nome e endereço do informador e de quem possa eventualmente dar mais informações. Se por ventura se dispuser de qualquer escrito ou fotografia da época ou mesmo de data posterior sobre o mesmo assunto ou sobre o tempo das aparições, agradecemos que nos enviem os originais ou ao menos fotocópias.

Por favor enviem para: Serviço de Estudos e Difusão (SESDI) — Santuário de Fátima — 2496 FÁTIMA CODEX.

Por agora, damos a palavra a duas venerandas testemunhas do milagre do sol, felizmente ainda vivas, que recentemente ultrapassaram a barreira dos 100 anos.

A primeira é a Senhora D. Henriqueta da Silva, nascida em 31 de Maio de 1889, no lugar da Cartaria, freguesia de Albergaria dos Doze, concelho de Pombal. Casou aos 28 anos (precisamente em 1917) e enviou há 23. Teve 5 filhos (dos quais 4 vivos), 13 netos, e vai em 27 bisnetos, o mais velho dos quais tem 23 anos.

Em entrevista ao jornal Os Doze, perguntavam-lhe:

— «Em 1917, viu as aparições de Fátima?»

— Nós fomos lá ver aquela Senhora que vinha na nuvem. Todos os meses lá íamos pelos carreirinhos. Vi o milagre do sol, mas nós já acreditávamos nos pastorinhos. Estava lá muita gente».

A segunda testemunha é o Senhor António Lopes, nascido em 5 de Junho de 1889 no lugar de Siróis, freguesia de Santa Catarina da Serra, concelho de Leiria, onde reside. Casou duas vezes, tendo do primeiro matrimónio 3 filhas (ainda vivas), 29 netos, 15 bisnetos e 3 trinets.

Transcrevemos de A Voz do Domingo parte da entrevista que lhe foi feita dias antes do centenário.

«Quisemos saber se se lembrava também das Aparições de Fátima.

— Oh, se lembro! Muito bem, como se fosse hoje. Olhe, fui muitos anos servita. Fui do primeiro grupo de servitas. Trabalhei com o Zé da Ascensão. Passou muito dinheiro de esmolas pe-

que tinham recorrido à intercessão do Servo de Deus, afirmaram ter sido ouvidos e ter recebido graças espirituais e corporais. No ano de 1946, foram dados os primeiros passos, em ordem à Causa da canonização, mas o Processo Informativo foi iniciado na Cúria Episcopal de Leiria só no ano de 1952 e concluiu-se no ano de 1979. Foi também instruído um Processo Rogatorial em Coimbra, a fim de ser ouvido o testemunho da Lúcia. Preparada a Posição sobre as Virtudes pelo Rev. Padre Paulo Molinari Postulador Geral da Companhia de Jesus e legítimo postulador desta Causa, no dia 16 de Dezembro do ano de 1988, realizou-se com êxito favorável o Congresso Peculiar dos Teólogos Consultores, presidido pelo Rev. Mons. António Petti, Promotor Geral da fé. Os cardeais e bispos, na Congregação Ordinária do dia 18 de Abril do ano de 1988, tendo como Proponente da Causa o Exmo Cardeal Eduardo Gagnon, reconheceram que o menino Francisco Marto tinha praticado em grau heróico as virtudes teológicas, as cardeais e as suas afins.

Feita por mim a relação escrita de todos estes factos ao Sumo Pontífice João Paulo II pelo abaixo-assinado Cardeal Prefeito, Sua Santidade, aceitando de bom grado os desejos da Congregação para as Causas dos Santos, mandou que o Decreto acerca das virtudes heróicas do Servo de Deus fosse devidamente exarado.

Tendo feito isto, convocados no mesmo dia os cardeais, Prefeito da Congregação e Proponente da Causa e eu bispo Secretário, e convocados os restantes segundo o costume, estando todos presentes, o Santo Padre declarou solenemente: constar que o Servo de Deus, no caso e para o efeito pretendido, praticou em grau heróico as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade para com Deus e para com o próximo, bem como as virtudes cardeais Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e suas afins.

Publiquei este documento e mandei-o exarar em acta da Congregação para a Causa dos Santos.

Dado em Roma, a 13 de Maio do Ano do Senhor de 1989

ANGELUS, Card. FELICI, praefectus
Traianus Crisan, Archiep. tit. Dri-vastensis, a Secretis

la minha mão. E digo-lhe à fé de quem sou: nem um tostão entrou na minha algibeira daquele dinheiro. Nos princípios, trabalhei também muito de carpinteiro no Santuário. Só lá havia mato e carrasqueiras. Ainda espero de lá voltar a Nossa Senhora.

— Assistiu a alguma das aparições?
— Assisti, sim senhor.
— Via os pastorinhos?

— Mais ou menos, víamo-los sempre.
— E o milagre do sol?

— Também vi. Parece que estou a vê-lo. Começou toda a gente a dizer: olhem o sol! Rolava por ali abaixo e parou mesmo à frente dos nossos olhos. Não via nada senão o sol. Parecia encostado à minha cara. Depois, desapareceu sem eu dar conta. Via no ar umas coisinhas brancas que não sabia o que eram. Alguns diziam: «Olhem S. José!». Mas eu não conseguia vê-lo. Eu ia lá todos os meses. Ai tanta gente! Uma vez, lá numa taberna, estavam uns homens a difamar aqueles que acreditavam. Eu então disse-lhes: «Calem-se porque eu vi. Se vocês vissem, não falavam assim». E calaram-se. Convivi muito com o Senhor P. Amílcar. Era um padrezinho novo, muito despachado. Bom tempo, bom tempo...»

Resta-nos esclarecer que o Rev. Cônego Amílcar Martins Fontes, que foi reitor do santuário de 1937 a 1957, tem actualmente 78 anos e reside novamente no Santuário, desde há anos. Como a entrevistadora, também nós fazemos votos para «que Deus o conserve por muitos anos ainda» e tornamos extensivos esses votos ao Sr. António Lopes e à Sr.ª D. Henriqueta da Silva.

LUCIANO CRISTINO

